

4861 230 2 E
30 DEZ 1987

“Situação cambial continua grave”

inda de Gil

por Cláudia Safatle
de Brasília

GAZETA MERCANTIL

“A situação cambial do País continua grave, continua muito delicada.” Este alerta foi feito ontem pelo diretor da Área Externa do Banco Central (BC), Carlos Eduardo de Freitas, que, sem mencionar números, admitiu que as reservas cambiais do Brasil neste final de ano deverão situar-se no mesmo patamar de dezembro do ano passado, algo próximo a US\$ 4,6 bilhões, mesmo tendo o País obtido um superávit comercial de cerca de US\$ 11 bilhões neste ano e ter decretado a moratória dos juros da dívida de médio e longo prazo junto aos bancos comerciais, em 20 de fevereiro passado.

Com a moratória deixou-se de transferir para os bancos a quantia de US\$ 4,5 bilhões.

O último dado oficial de reservas cambiais refere-se a 31 de agosto passado, quando chegou a US\$ 4,119 bilhões. De lá para cá, segundo o diretor do BC, o Brasil fez remessas de lucros e dividendos, importou, pagou seguros, amortizou e pagou juros ao Banco Mundial (BIRD), ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Apenas com juros e amortizações do BIRD, BID e FMI gastaram-se neste ano cerca de US\$ 3,1 bilhões, sendo que praticamente a metade foi paga no segundo semestre, entre outras despesas. A única saída para contornar a situação cambial, para Freitas, é aumentar as exportações.

Uma maxidesvalorização cambial para estimular mais as exportações, segundo o diretor do BC, “está totalmente afastada”, porque as vendas externas não estão sendo desestimuladas pela taxa de câmbio, que, ao contrário, vem acompanhando a variação do Índice de Preços ao Consumidor (IPC).

“Uma maxidesvalorização somente serviria para elevar os preços dos nossos produtos no mercado interno, sem nenhum efeito sobre o volume das exportações”, insistiu o diretor do BC.

Diante da questão cambial, que se pode agravar com a queda sazonal do saldo comercial nos três primeiros meses do ano que vem, é imperativo fechar o acordo de refinanciamento dos juros da dívida externa para 1988 e 1989, tarefa que será desencadeada com a viagem de uma missão brasileira, chefiada pelo presidente do BC, Fernando Milliet, no dia 11 de janeiro próximo.